

O que é a Ciência do Ser?

Max
Kappeler



Texto revisto de uma palestra proferida pelo Dr. Max Kappeler
no dia 1 de junho de 1977 no Kongressaus de Zuriqne.
Traduzido do Alemão para o Inglês por Kathleen Lee.

Traduzido da versão inglesa
“What is the Science of Being?”
Kappeler Institute for the Science of Being, 1978
por Guita R. Herman.

© 1978, 2010 Kappeler Institute for the Science of Being
[Instituto Kappeler para a Ciência do Ser]

<i>Primeira edição</i>	1978
<i>Reimpressão</i>	2005
<i>Edição em Português</i>	2011

Desenho da capa, J.C. Sprott
<http://sprott.physics.wisc.edu/fractals.htm>

**Um exemplar impresso deste folheto
pode ser encomendado no
Instituto Kappeler USA por um preço acessível.**



Kappeler Institute for the Science of Being USA
[Centro de Informação e Comunicação:]
P.O. Box 99735
Seattle, WA 98139-0735
Tel: 206 286-1617 • Fax: 206 286-1675
E-mail: mail@kappelerinstitute.org
www.kappelerinstitute.org

O QUE É A CIÊNCIA DO SER?

Índice

O que é a Ciência do Ser?	1
1 O que é a realidade?	2
2. Como posso me unir com a realidade?	7
3. De que maneira este novo método pode ter uso prático?	8
4. Como posso me educar no entendimento da realidade?	10

Nota aos Leitores

A publicação de 2010 de *What is the Science of Being?* passou por mudanças gráficas e editoriais mínimas, a partir da versão original de 1978. Por isso o número de páginas da edição em Português não corresponde àquelas do folheto original. Este novo formato afetará instâncias nas quais Kappeler ou outros autores fizerem referência a um número de página específico.

O que é a Ciência do Ser?

Propósito da conferência. Todos vocês que hoje aqui se encontram foram recentemente introduzidos à Ciência do ser. Sendo assim, não estou me dirigindo a um público que aqui chegou atizado pela curiosidade ou atraído pela publicidade. Antes, vocês aqui chegaram conduzidos pelo seu próprio desejo de aprender mais acerca da Ciência do ser, e ver se nela podem encontrar alguma resposta às complexas questões da existência humana.

O assunto sobre o qual vou lhes falar hoje é uma matéria que abrange todas as questões do ser, da existência humana e da vida diária, a saber, a Ciência do ser. Vocês aqui vieram buscar honestamente uma solução verdadeira, e por conseguinte merecem uma resposta honesta. Isto exige que antes de mais nada eu lhes declare francamente o que esta conferência não se propõe a fazer, e o que dela vocês não devem esperar:

- Não buscarei edificá-los com frases eloqüentes, mas tentarei fornecer informação fatural.
- Não posso prometer-lhes uma fórmula comprovada para trazer imediatamente os céus sobre a terra, mas posso indicar-lhes um caminho que conduza à solução de todas as questões do ser.
- Assim sendo, não posso apresentar um prospecto de soluções fáceis para os problemas do cotidiano, mas posso dar-lhes esperança razoável em um Princípio para resolver todos os problemas.
- Não tentarei tampouco catequizá-los relatando resultados maravilhosos obtidos por outros estudantes quanto à extraordinária eliminação de seus problemas; mas antes estarei tratando de leis e métodos ao alcance de todos, que poderão ser aplicados na sua própria experiência, se os seguirem corretamente.

Enfim, não poderei dar-lhes aqui e agora soluções pré-fabricadas, mas poderei delinear um esboço amplo da Ciência que produz soluções.

Quatro questões fundamentais. Ao refletir sobre o ser observamos logo que existem quatro questões fundamentalmente importantes a serem respondidas:

1. O que exatamente é a realidade? O que realmente constitui o ser? Em que consiste a harmonia do ser?
2. Como posso tomar parte nesta realidade? Através de quais métodos posso me unir à realidade, à harmonia do ser, e assim vivenciá-lo?
3. Como posso aplicar estes métodos na prática da vida cotidiana? Porque naturalmente, o nosso conhecimento do ser não deve ser somente uma bela filosofia, ou muito menos um tipo de ascetismo; ele deve ter também um uso prático.
4. O que nos trás à última pergunta: Como posso aprender os métodos através dos quais poderei atingir a união com a realidade do ser? De que maneira posso me educar na compreensão da realidade?

Consideremos agora sucintamente em que consiste cada uma destas quatro questões fundamentais, e quais são as conclusões que delas podemos tirar.

1. O que é a realidade?

O grande tema da Ciência do ser é a realidade. Ela se ocupa da questão vital: O que é real, o que é o verdadeiro ser? Podemos denominá-lo de diversas maneiras. O eminente filósofo alemão Heidegger o chama de “o ser, independente do que existe” (“das vom Seiende unabhangige Sein”). Ou podemos defini-lo como aquilo que existe, o eterno, o absoluto, o imutável, o espiritual, ou o divino. O ser é aquilo que expressa a si mesmo como sendo-em-existência; é o ser ciente, conscio de tudo. A Ciência do ser examina a *natureza* do Ser único, e a seguir, os seus elementos constituintes, o seu *método de operaao* e a interaao destes elementos. Portanto ela se preocupa com as leis e com os processos, ou seja, com o mecanismo do ser. Ao mesmo tempo ela investiga o seu sentido, o *propósito* de tudo o que existe—a verdadeira meta da vida. Finalmente, ela busca aclarar a grande questão *acerca da natureza do irreal, da mentira, da ilusão, do vazio e, do nada*. Desta feita ela busca critérios que esclarecerão aquilo que é real e aquilo que apenas aparenta ser real, para que não vivamos permanentemente no engano.

O *sujeito da investigaao* da Ciência do ser, não se limita apenas ao âmbito da vida ou existência humana, mas abrange a totalidade do ser. É um sujeito incrivelmente vasto e abrangente que envolve todas as grandes questões sobre o ser, por exemplo, perguntas sobre Deus, sobre o universo e o cosmos, sobre o homem, e toda a criaao. Ela tambem pesquisa a natureza da matéria, o dualismo do bem e do mal, e como este dualismo pode ser resolvido, etc.

Uma ciência que investigue um leque de tópicos tão abrangente não pode ser considerada apenas como uma ciência entre outras. Seu objeto de investigaao não é um assunto específico, mas trata-se nada menos, daquilo que está por detras de tudo o que existe. Desta feita deve tratar-se de uma espécie de ciência básica, sobre a qual se baseiam todas as outras linhas de pesquisa, dado que sejam realmente científicas.

Este fato pode facilmente instigar a questão: Por que um assunto tão vasto não permanece na alçada dos filósofos? Não caberia a eles estudar esta Ciência? A resposta é simples: A Ciência do ser da qual falamos não é um departamento abstrato, filosófico do aprendizado, mas tem a ver com a própria vida, com a nossa própria existência. Somos todos trazidos a esta vida e devemos lidar com ela da melhor maneira possível. Mas não existe uma educaao que nos prepare para as batalhas da vida. Adquirimos certos fragmentos de conhecimento para uso especializado, como o teorema de Pitágoras, mas não é disso que necessitamos para conhecer a vida, a nossa própria existência. O que teria grande utilidade para nós seria uma ciência básica que incluísse todas as leis e métodos que nos auxiliassem a tornar-nos mestres em viver, e nos fornecesse uma base confiável para a resoluao dos nossos problemas.

O *método de investigaao*. A questão do ser, ou realidade, obviamente vem preocupando a humanidade há milhares de anos. Mas que métodos ela utilizou para encontrar uma resposta? Desde longa data o homem tentou compreender e colocar-se de acordo com o ser imutável e harmonico. Entretanto, os métodos que utilizou para abordar este ser, sempre eram em maior ou menor grau não científicos. Por exemplo, ela se dirigiu ao ser por meio de rituais ou sacrifícios, ou pela teologia dogmática. Ou ainda, buscou a ele se unir através do misticismo, do êxtase, da meditaao e das assim chamadas experiências extremas. Posteriormente surgiram métodos pseudo-científicos, como os que são usados no espiritualismo ou na parapsicologia, que buscam penetrar no ser através da especulaao.

Contrastando com todos estes métodos, a Ciência do ser investiga o seu grande tema através de métodos cognitivos puramente científicos, conforme os postulados da teoria científica moderna. Isto quer dizer que ela não aborda o ser através da emoao, fé cega, êxtase, etc., mas

opta pelos métodos clássicos de análise, sistema, e lógica; ela observa a causalidade (a operação de causa e efeito) e aplica o método genuinamente científico de teste, experiência e prova. E indo além, ela também faz uso dos métodos da ciência trans-clássica, que vão ganhando terreno em outros campos de pesquisa científica, trabalhando assim com a intuição (até aonde ela coincide com a lógica), com a revelação (enquanto ela concorda com a nova lógica), com as leis da espontaneidade, mutação e cibernética que se sobrepõem, ou super-impõem à causalidade, e assim por diante.

Desta maneira fica estabelecido que o ser é o campo da nossa pesquisa, e que a Ciência é o método pelo qual a nossa pesquisa é levada a cabo.

A Ciência inclui o infinito. Isto nos conduz a outro ponto muito importante. Por que o ser não foi investigado cientificamente no passado? A questão do ser, daquilo que constitui a realidade preocupa o homem há milhares de anos e os métodos científicos modernos já são conhecidos há vários séculos. Por que então ninguém notou que a questão do ser poderia ser abordada através de métodos científicos? Aparentemente houveram graves obstáculos no caminho, conceitos errôneos que se encontram no pensamento humano ainda hoje. O mundo viu que o ser é infinito e que, por outro lado, o pensamento humano é circunscrito e finito, daí a conclusão ostensivamente lógica: se o ser é realmente infinito e sem limites, como poderemos captá-lo e entendê-lo com o nosso limitado e finito modo de pensar? Foi a partir desta base que a teologia fundamentou o seu ensinamento: Deus é infinito, portanto o homem finito não pode entendê-Lo.

Entretanto, o que não foi levado em conta nesta conclusão é a própria característica da ciência que a torna realmente miraculosa. A ciência é o instrumento que possibilita a redução de uma matéria infinita a um pequeno número de categorias, a fim de torná-la acessível ao pensamento humano finito e limitado. Isto pode ser demonstrado através de uma analogia com a aritmética, que também é uma disciplina quase infinita. Só que no seu caso, não desistimos tão facilmente; ninguém diz às crianças de escola que esta é uma matéria tão infinitamente complexa que elas jamais a entenderão com o seu pensamento limitado. Muito pelo contrário, a aritmética é introduzida às crianças bem jovens e isto é possível apenas por intermédio da ciência. Elas simplesmente são ensinadas de que modo entender esta matéria infinita. Como? Através da redução de todos os cálculos aritméticos possíveis a umas poucas, porém corretas, categorias, a saber, os algarismos de um a dez, e os quatro métodos básicos de computação pelos quais estes algarismos se relacionam entre si, isto é a adição, a subtração, a multiplicação e a divisão. Estas poucas categorias podem ser compreendidas até mesmo por uma criança pequena. Através das combinações destas categorias o infinito campo da aritmética, se torna acessível. O mesmo ocorre em outras áreas, e é isto o que a ciência tem de maravilhoso, e disto depende o avanço da civilização ocidental, que se baseia no pensamento científico. A partir dele, dado que seja aplicado corretamente, poderão ser obtidos grandes sucessos.

Esta “Ciência,” enquanto método de reduzir tudo aos seus elementos fundamentais em qualquer campo específico, juntamente com as leis por eles obedecidas, tem o poder de tornar o infinito acessível ao pensamento humano.

Tentemos então aplicar este método ao ser. O ser é uma matéria infinita; se pudermos reduzir o infinito ser a algumas categorias fundamentais, e em seguida encontrar as leis que governam as inter-relações destas categorias mais simples, não entenderíamos então o “todo” do ser? E se pudéssemos entendê-lo, poderíamos também aplicá-lo, demonstrá-lo, e vivê-lo! Esta é a grande disciplina ensinada pela Ciência do ser.

História da pesquisa acerca do ser. Ao observarmos o desenvolvimento desta pesquisa, podemos notar que sempre foram feitos esforços para se entender o ser. O *Misticismo*, por

exemplo, alcança a união com o ser através da meditação. Através da *unio-mística*, seus adeptos buscam unir-se ao ser como um todo amorfo e indiferenciado, e amalgamar-se ao infinito Um (Nirvana). Não é esta, porém a nossa meta, pois estamos procurando soluções concretas para questões e problemas práticos, e isto não pode ser conseguido se nos retirarmos da vida cotidiana.

A *religião* Judeu-Cristã que permeou o Ocidente, optou por um caminho diferente. Ela tentou explicar o Ser, Deus, e expressá-lo em leis. Mas ela despontou numa era anterior à predominância do modo de pensar científico Grego na consciência geral. Assim sendo, esta tentativa conduziu a uma vasta coleção de regras e preceitos, que em última instância abrangeram todos os detalhes triviais da vida, omitindo o que realmente é essencial.

Por outro lado, a *Filosofia* a partir da Grécia Antiga, reconheceu imediatamente o fato importante que o Todo pode tornar-se compreensível quando for reduzido à suas categorias fundamentais. Desta feita, quanto mais minuciosamente alguém vier a conhecer as categorias do ser e suas inter-relações, mais clara e precisamente conseguirá entender todos os seus detalhes, começará a ter um entendimento melhor não só do ser em si, como também de todos os detalhes da existência humana. De fato, se o homem pudesse encontrar este modo científico de ser, ele seria capaz de encontrar a solução correta para todas as questões. Os primeiros filósofos Gregos já tentavam classificar o ser considerando o fogo, a água, a terra, e o ar como as quatro grandes categorias. A seguir, com Aristóteles, desenvolveu-se toda uma doutrina de categorias. Desde então muitos filósofos buscaram as categorias do ser. Descartes, Kant, Hegel, todos estabeleceram sistemas de categorias próprios.

Leibniz, por exemplo, faz alusão à tentativa de encontrar as “noções-básicas” do ser e construir um grande cálculo para a sua operação. Todavia todos estes esforços não foram suficientes para se encontrar uma resposta satisfatória à questão do ser.

Por que ocorreu assim? Porque apesar destes filósofos estarem à procura de categorias, eles sempre buscaram categorias humanamente limitadas para a compreensão do ser. Mas o ser não é de modo algum humano, limitado, ou finito. Ele pertence ao campo do espiritual, do absoluto, do divino. As tentativas para compreender este ser imaterial, e espiritual sempre foram feitas por meio de categorias materiais, humanas, porém ele só pode ser compreendido através das suas categorias imanentes, próprias – categorias inerentes ao ser em si. E por que este fato demorou tanto para ser reconhecido? Porque até há muito pouco tempo, tanto os filósofos quanto os cientistas foram confundidos pela noção de que a existência humana percebida e vivenciada através dos órgãos dos sentidos, se baseia num sistema de referência inalterável e irrefutável. Somos todos educados neste sistema de referência material e humano, decorrendo então que até recentemente, era assumido que este era o sistema de referência único e absoluto, e que as categorias deste sistema de referência humano constituíam o único instrumento adequado para a compreensão do ser. As pessoas estavam enganadas ao pensar que estas categorias forneciam um padrão válido para medir tudo. De vez em quando apareciam visionários espirituais, ou profetas, que percebiam a existência de uma realidade que se encontra acima da assim chamada realidade material, uma realidade superior que obedece a leis e categorias bem diferentes das nossas categorias humanas.

As viagens espaciais nos forçam a mudar nossa maneira de pensar. O fato das condições e leis que governam a nossa existência material serem relativas, e não constituírem a única realidade já foi reconhecido por alguns cientistas e mais recentemente por Einstein. Mas especialmente a exploração espacial tornou este fato óbvio para o mundo em geral. Por seu intermédio as pessoas puderam ver com seus próprios olhos que o sistema de referência terrestre,

sobre o qual se baseia a nossa especulação, não é a realidade absoluta. Podemos assim observar e vivenciar com os exploradores o fato que apenas algumas centenas de milhas dentro do espaço sideral se encontra em operação um sistema de referência bem diferente, e com leis igualmente distintas. Por exemplo: no espaço não existe nenhum ponto de referência para se determinar a esquerda ou a direita, acima ou abaixo, adiante, ou atrás; não existe noite ou dia, e os processos orgânicos e químicos são diferentes, e até mesmo o tempo não é o que entendemos como tempo aqui na terra. De repente ficou claro que existem leis operando de maneira bem diferente das leis terrestres, e o que até agora assumimos como o único sistema de referência válido é desta feita extremamente estreito, pequeno e restrito ao nosso planeta. E algo mais foi constatado: a pesquisa espacial só pode ser levada a cabo quando se rompe com o sistema de referência puramente relacionado com a Terra, e se passa a investigar o sistema que opera no espaço.

Este é o ponto de partida que conduz a outra constatação de grande importância para a nossa pesquisa do ser. Se quisermos aplicar o método científico à compreensão do ser, ou seja, se quisermos reduzir o infinito às suas categorias essenciais, não podemos usar na nossa busca categorias humanas, derivadas do quadro de referência estreito e restrito pertencente à vida aqui na Terra. Se estas categorias não são capazes de nos fornecer informações confiáveis acerca do espaço sideral, como poderiam nos ajudar a compreender o Ser infinito e divino? Aí está a grande diferença. Nós nunca deveríamos tentar compreender o infinito, o espiritual, o absoluto através de categorias finitas, materiais e relativas. Necessitamos encontrar categorias completamente novas e absolutas que sejam em si mesmas da natureza do divino ser e inerentes a ele. Em outras palavras, se quisermos descobrir a realidade do ser, precisamos abandonar o nosso sistema de referência humano em prol do divino.

O sistema de referência divino. Este não é o lugar para explicar o novo sistema de referência divino em detalhe. O importante é ter em mente o fato que o sistema que nos permitirá entender a realidade é fundamentalmente diferente do sistema humano, materialista. Assim todos os que se dedicarem ao estudo da Ciência do ser, devem estar prontos a abandonar a antiga escala de valores, válida somente na esfera da vida humana, e adotar apenas como seus valores, as novas categorias do ser. Uma comparação sucinta entre os sistemas de referência humano e o divino será o suficiente para demonstrar como eles são diametralmente opostos:

1. No sistema de referência humano nós procedemos a partir do pensamento e da razão humana; apenas quando o nosso intelecto, razão e os nossos conhecimentos humanos aprovam algo, ficamos realmente convencidos. Em oposição a este raciocínio humano, ou à mente humana, o sistema de referência divino apresenta uma categoria bem maior, a qual denominamos *Mente divina*. É aquela inteligência que não provem da mente humana nem se origina no cérebro. A realidade do ser pode ser entendida somente quando deixamos de nos apoiar nas categorias cognitivas ou de raciocínio humanas e passamos a adotar a perspectiva da visão e discernimento divinos.
2. No sistema de referência humano a matéria é considerada como real e substancial. No sistema de referência divino, o Espírito é a única substância verdadeira, e a única realidade. Um século atrás esta maneira de pensar era revolucionária; hoje em dia, a própria física avança mais e mais em direção à metafísica na sua pesquisa sobre a natureza da matéria.
3. No sistema de referência humano nós testamos tudo com o auxílio dos órgãos dos sentidos. Apenas quando um fenômeno é verificado por estes sentidos, nos convencemos da sua existência. Mas os sentidos físicos provam não ser confiáveis, e

são inadequados até na esfera humana. Para podermos julgar o que é real necessitamos, na verdade, de um meio de percepção mais elevado e espiritual, um meio que não nos decepcione ou engane continuamente, como os sentidos o fazem. Este senso mais elevado e espiritual, nós denominamos Alma. No sistema de referência divino é sempre a Alma e não os sentidos que atestam o que é e o que não é verdadeiramente real.

4. No sistema de referência humano tudo se baseia em teorias humanas ou em dogma, em alguma personalidade ou autoridade humana. No sistema de referência divino a única autoridade com a qual tudo se conforma não reside num ser humano nem num sistema elaborado, nem em nenhuma teoria ou ensinamento, mas unicamente no ser em si, que é o Princípio de tudo o que é real.
5. No sistema de referência humano nós partimos da premissa que tudo está sujeito à lei do nascimento, amadurecimento, e decadência. No sistema de referência divino existe apenas o ser, Vida, o existir da Vida eterna, que não aparece e subsequentemente desaparece.
6. O sistema de referência humano inclui erro, doença, falsidade e discórdia de todo tipo, como parte da existência humana. O sistema de referência divino conhece apenas a Verdade; nele a discórdia não faz parte da realidade.
7. No sistema de referência humano tudo está alinhado com o ódio, inveja, destruição, etc. O que leva inevitavelmente à imperfeição. No sistema de referência divino, o ser é Amor. Isto que dizer que o seu propósito é sempre de se realizar a si mesmo e assim nunca perde a perfeição.

Recapitulando: em oposição ao sistema de referência humano encontram-se sete fatores primários fundamentais, que caracterizam o sistema de referência divino: (1) a mente humana – *a Mente divina*; (2) matéria – *Espírito*; (3) os órgãos dos sentidos – *a Alma*; (4) a autoridade humana – *o Princípio*; (5) a morte – *a Vida*; (6) o erro – *a Verdade*; (7) a imperfeição – *o Amor*. Nós usamos letras maiúsculas ao denominar os sete fatores primários sobre os quais se baseia o sistema de referência divino, para indicar que estes termos não têm conotações humanas, pois denotam a natureza do ser divino. O sentido preciso dos sete termos sinônimos: Mente, Espírito, Alma, Princípio, Vida, Verdade, e Amor e os efeitos que resultam de um entendimento profundo destes sete fatores primários do Ser, são elementos que irão se esclarecendo ao estudante no transcurso de seu estudo minucioso da Ciência do ser. O que nos trás de volta ao tema da possibilidade de compreensão do ser. Observamos que o único método capaz de tornar o infinito compreensível à humanidade é o método científico, pelo qual o infinito é reduzível a umas poucas categorias. Vimos também que estas características devem ser inerentes ao próprio ser, portanto não podem ser humanas, mas sim divinas. Por meio de um conhecimento dos sete fatores primários do sistema de referência divino, e das leis segundo as quais eles operam, podemos entender a realidade do ser e encontrar a solução fundamental para todos os problemas diários, e questões da existência humana.

A nova lógica. Algo mais nos chama a atenção quando contrastamos deste modo o sistema de referência humano e o divino: todos os termos utilizados para caracterizar o sistema de referência humano, isto é, a mente humana, a matéria, os sentidos, a autoridade humana, a morte, o erro, a imperfeição são essencialmente dualistas. Todas as deduções feitas dentro deste quadro de referência são conformes à lógica clássica, de dois valores que desde Aristóteles determina a

nossa concepção do mundo. Segundo esta lógica, tudo o que pensamos, vemos, sentimos e experimentamos, está dividido em duas categorias diametralmente opostas. Assim as coisas são boas ou más, certas ou erradas, verdadeiras ou falsas, lindas ou feias, positivas ou negativas. Mas o ser não é dual. Existe apenas um Ser, que na verdade inclui infinitas formas de expressão, mas que constitui em si mesmo um todo unificado, e portanto, não pode ser reduzido a categorias mutuamente contraditórias. Este Ser íntegro, apresenta apenas um valor; portanto ele não pode ser aprendido pela lógica de dois valores do sistema de referência humano. Assim, com o novo sistema de referência, ganhamos uma nova escala de percepção, apropriada ao sujeito em consideração ou seja, o ser. Isto significa que estamos lidando com uma nova lógica de um único valor. Esta é a única lógica que nos fornece o verdadeiro conceito da realidade do Ser uno. Para sermos capazes de entender o ser divino e suas categorias fundamentais, precisamos estar dispostos a não mais nos apoiar no raciocínio baseado na lógica de dois valores, mas sim na lógica de valor único do ser divino.

2. Como posso me unir com a realidade?

Deste modo chegamos à importante questão de como podemos estabelecer uma relação com o ser. Não faz muito sentido entreter pensamentos sobre a realidade enquanto a consideramos, a maior parte do tempo, como um fenômeno exterior a nós. Apenas quando estamos unidos à realidade, podemos vivenciá-la por nós mesmos. Mas como podemos a ela nos unir? A resposta é: através da consciência. Não são os dogmas, rituais, ou drogas que conduzirão o homem ao ser, mas apenas a consciência.

A natureza mental do universo que vivenciamos. O Ser não é material. O mundo que vivenciamos é mental, não é objetivamente material. Tudo o que experimentamos, acontece na nossa própria consciência. Nossas experiências não existem fora de nós. Elas são fabricadas e moldadas pela nossa própria consciência. Com a nossa consciência nós construímos a nossa perfeita ou imperfeita experiência do mundo. Há dois mil e quinhentos anos atrás, Demócrito declarou que os aspectos característicos das coisas como cor, temperatura, odor, etc., não se encontram nas coisas em si, mas no nosso modo de percebê-las. Em nossa era Einstein demonstrou que o espaço e o tempo não existem como realidades absolutas. Então de fato, não existe uma realidade material objetiva; antes, tudo o que aparece como sendo objetivo e material é resultado do nosso modo de pensar. A física moderna vai ainda um passo além. Por exemplo, Lincoln Barnett, no seu livro “O Universo e o Dr. Einstein,” escreve: “uma vez que cada objeto é simplesmente a soma de suas qualidades, e uma vez que as qualidades existem apenas na mente, todo o universo objetivo de matéria e energia, átomos e estrelas, não existe senão como uma construção da consciência.” Isto sugere que o nosso universo muda quando a nossa consciência muda. James Jeans declara que “o universo objetivo e material demonstra consistir de pouco mais que construções das nossas próprias mentes,” e ainda: “O universo começa a se parecer mais com um grande pensamento do que com uma grande máquina.” Isto mostra claramente que a mente humana (o primeiro ponto no sistema de referência humano) é responsável por aquilo que ela vivencia. Portanto a pergunta por que Deus (ou o Ser) criaria o mal é uma pergunta incorreta, uma vez que o mundo material, com o seu mal decorrente, consiste, como James Jeans tão claramente afirma, de construções das nossas próprias mentes humanas, e não possui nenhuma realidade objetiva real.

Por isso depende de nós o que acontece em nossas vidas. Não estamos à mercê de condições materiais; não somos lançados indefesos a um universo objetivo material. Nós podemos mudar a

nossa consciência, e deste modo, podemos produzir vidas diferentes, mais positivas. Somos mestres do mundo em que vivemos.

Há muito que a psicologia está ciente deste fato. Ela vem expondo cada vez com mais clareza que a consciência humana é constituída de crenças individuais, coletivas e universais conscientes ou inconscientes, que o homem não habita em um universo objetivo material, mas que sua experiência diária é expressão das várias crenças que influenciam sua vida para o bem ou para o mal. A psicologia despertou a muitos para a necessidade de se proteger contra uma legião de pressões conscientes e inconscientes. Hoje é geralmente reconhecido que o homem pode enfrentar a vida com êxito somente quando é capaz de manter um equilíbrio mental adequado; que ele é saudável e harmonioso, apenas quando tem uma mente estável; que ele precisa controlar sua consciência, podendo então exercer uma boa influência sobre o seu corpo e sobre o mundo material que o rodeia.

Assim sendo, trata-se de preencher a consciência com tudo o que possa ter uma influência construtiva e terapêutica sobre nossas vidas. Como podemos fazer isso? Alinhando-nos conscientemente com o sistema de referência divino, que nos fornece a harmonia do ser. Quando a nossa consciência está plena de realidade isto também afeta a nossa vida humana, e nossa experiência diária. O que prova o quanto é importante aprender a entender a realidade através das categorias espirituais do ser, contidas no sistema de referência divino. Uma preocupação com estas categorias divinas não constitui apenas um hobby; ou um passatempo filosófico e literário, antes, trata-se para nós de uma questão de ser ou não ser. Ao alinharmos nossa consciência com as categorias do sistema de referência divino, vivenciamos a realidade divina, e esta realidade é sempre harmoniosa. Quando, porém, não estamos conscientemente de acordo com o sistema de referência divino, seguimos prisioneiros do sistema de referência material, permanecendo ao mesmo tempo à mercê de todas as crenças individuais, coletivas e universais, conscientes ou inconscientes, do pensamento humano, e reconhecidas pela psicologia como a causa das experiências de vida inarmônicas.

3. De que maneira este novo método pode ter uso prático?

Como pode este método de união consciente com o sistema de referência divino ser posto em uso prático?

A hierarquia corpo-alma-espírito. Durante séculos o homem foi considerado como uma trindade corpo-alma(ou psique)-espírito. Depois ele aprendeu da psicologia que as esferas referentes ao elemento físico, psíquico, e espiritual não são esferas de valor idêntico, existindo por assim dizer, lado a lado, mas elas formam uma hierarquia. Os estudos psicossomáticos provaram, por exemplo, que o psiquismo pode tornar um homem doente, e que o corpo material é influenciado pela psique. Assim foi reconhecido que a esfera da psique, a alma tem precedência sobre a esfera corporal e a controla. Reconheceu-se depois, que a esfera espiritual é superior àquela da mente. Isto fez com fosse abandonada de vez a noção de que o corpo, a alma e o espírito constituem três entidades semelhantes, coexistentes e desempenhando papéis de igual importância. Foi descoberto que o corpo é controlado pela psique. A psique, porém pode ser moldada. Podemos moldar o nosso psiquismo de acordo com o sistema de referência humano, e assim ele estará sujeito às leis deste sistema, que incluem o mal e todo o tipo de discórdias; nossa vivência material e nosso corpo expressarão desarmonia. Podemos, porém, alinhar nossa consciência com o sistema de referência divino. Ela receberá, então, o impacto da realidade

espiritual, e a nossa vivência humana e o nosso corpo serão controlados por esta consciência recém-formada, e expressarão a harmonia, assim como um maior grau de saúde e perfeição.

Podemos deste modo, fazer uso prático do nosso crescente conhecimento do ser, trazendo nossa consciência cada vez mais ao nível do sistema de referência divino. Nossa consciência é então supra-formada, e a nossa vivência material é definitivamente influenciada por esta consciência divinamente moldada. Podemos enfim, observar que fundamentalmente existe apenas um poder em ação neste grande mecanismo do ser, e que ele opera em todos os níveis—no nível espiritual, no nível da psique ou consciência humana, e no nível físico. Este poder é o Espírito.

O poder da consciência espiritual. Quando nos unimos ao sistema de referência divino, tocamos num poder maior do que qualquer outro. Este fato apareceu de modo gradativo no pensamento humano. Antigamente apenas uma força, ou energia, era conhecida: o poder visível, ou seja, a força muscular do homem e do animal, a força da água e do vento para mover moinhos, etc. Ninguém imaginava que houvessem outros tipos de energia, invisíveis, porém bem mais eficientes. Com o passar do tempo, estas forças invisíveis apareceram: o vapor, a eletricidade, a energia atômica, todas bem mais eficazes que a força física. Na era dos moinhos de água e de vento, porém, as pessoas teriam ridicularizado a noção de que existe no átomo uma energia muito poderosa. A geração anterior a cada avanço na direção deste desenvolvimento acreditava não poder existir força alguma maior do que aquela conhecida até então. Por que estas fontes de energia foram ignoradas por tanto tempo? Porque elas não coincidiam com a concepção geral sobre a natureza da energia. Não obstante, todas estas formas de energia sempre estiveram aqui presentes. Em geral abordamos o maior de todos os poderes, o poder espiritual da mesma forma. Alguns visionários, como os profetas e os discípulos de Jesus, reconheceram e usaram este poder – porém não foram compreendidos, porque esta força também é invisível aos sentidos físicos e não coaduna com os nossos conceitos habituais, ou inatos, sobre a energia. Simplesmente por este poder espiritual ser invisível, e não ser geralmente reconhecido, não significa que ele não exista. Ele existe quer o reconheçamos ou não. A questão não é se tal poder existe, mas antes, se nós nos damos ao trabalho de investigá-lo por conta própria. Este novo poder é o poder da consciência espiritual. Ele tem primazia sobre tudo o mais, pois ele se encontra em primeiro lugar na hierarquia espírito, alma, corpo, dominando as esferas inferiores da psique e do físico. O poder da consciência espiritual não pode ser explicado simplisticamente. O fato de que a maior parte das pessoas não se interessa por ele, não é prova da sua inexistência. Assim como em relação à energia atômica, quando os nossos conceitos de energia a ela não se adaptavam, não podíamos aceitá-la. Mas qualquer pessoa pode estudar o poder espiritual e suas leis de operação. É este o poder do Espírito, ao qual Paulo se refere como a “autoridade” e o “poder,” “que o senhor nos deu para vossa edificação” (2.Cor. 10:8 e 13:10). Assim como ele, podemos fazer esta demonstração. Nos foi dado o poder de ter domínio sobre toda a Terra, conforme a Bíblia relata no sexto dia da criação. De que maneira? Através da nossa união consciente com o sistema de referência divino, do alinhamento da nossa consciência com os sete aspectos da natureza divina de Deus enquanto Mente, Espírito, Alma, Princípio, Vida, Verdade, e Amor.

O motivo correto. O poder espiritual difere de todos os outros tipos de poder de um modo muito importante: ele não pode ser abusado. Jamais poderemos fazer uso impróprio do poder do Espírito, em prol de interesses pessoais e mesquinhos. Se pudéssemos fazê-lo, isto significaria que o poder espiritual está subordinado ao poder humano. Mas este nunca é o caso. Gostaria de enfatizar este fato com o fim evitar quaisquer mal entendidos: não é verdade que realizaremos

todos os nossos desejos através do estudo da Ciência do ser. Apenas os propósitos inerentes ao ser poderão se atingidos, ou seja apenas serão alcançadas as metas que coincidam com o sistema de referência divino. Este é sempre um ponto difícil porque a maior preocupação do homem é sempre satisfazer seus próprios desejos. Foi por esta razão que alguns discípulos abandonaram Jesus. A Ciência do ser tem objetivos e metas puramente espirituais. O único propósito do ser é estabelecer em toda parte a harmonia que pertence ao campo espiritual.

Por isso a Ciência do ser se aplica também à existência humana. Aqui ela opera de duas maneiras. Terapeuticamente, curando e resolvendo problemas e profilaticamente (de maneira preventiva) – ensinando o estudante a se proteger de todo o tipo de discórdia. Seu efeito é trazer à tona e desenvolver o que é divinamente real em nós. Tudo o que em nós está de acordo com a realidade, se cristaliza. A meta da Ciência do ser é sempre propiciar que o homem identifique a sua verdadeira missão na vida.

A prática da Ciência do ser não é superficial. Eu contra-indicaria abordar esta Ciência com qualquer outra atitude que não seja com um coração absolutamente honesto; nossa busca deve ser inspirada por uma profunda reverência ante o que é espiritual e levada adiante por uma total devoção ao espiritual. Isto deve ser acoplado com um trabalho consistente. Um interesse casual pela Ciência do ser não é suficiente. O estudo requer perseverança e abnegação, assim como a boa vontade para aceitar fracassos ocasionais, para aprender com os erros, sem logo desistir. Desta feita, a aderência permanente aos fundamentos desta Ciência é essencial, o estudante precisa manter aderência às suas leis o mais que puder, e tentar constantemente aplicar as suas regras. Tudo o que é válido para outros estudos, é válido para esta matéria: só a prática traz a perfeição. Seria injusto e enganoso prometer que todos os seus problemas se resolverão assim que começarem a estudar a Ciência do ser, e que é fácil liberar-se do sistema de referência humano e aceitar o novo sistema divino; seria errado dar-lhes falsas esperanças. O estudo requer muito mais: não só a busca como também o empenho, não só interesse, mas uma total dedicação. É uma tarefa para homens e mulheres de verdade; este aprendizado requer as melhores qualidades que o ser humano possua.

4. Como posso me educar no entendimento da realidade?

Não há autoridade pedagógica pessoal. Nossa devoção ao que é espiritual, e o conseqüente aumento do nosso entendimento devem ser conscientemente nutridos e desenvolvidos. Vocês podem estar pensando talvez, como a Ciência do ser pode ser estudada, ou que qualificações e talentos são necessários para tal. Como fui eu quem lhes falou sobre esta Ciência, vocês podem ter tido, talvez, a impressão que ela tem a ver comigo pessoalmente. É necessário, porém, que lhes diga logo que não se trata disso. Não há autoridade pessoal no ensino da Ciência do ser.

Aos que aqui me vêm hoje pela primeira vez e podem estar pensando que tipo de pessoa é esta, lhes direi quem sou, e que não possuo nada de especial. Não sou guru, nem swami, nem sábio. Sou um homem normal, com educação escolar e universitária comuns. Depois de me diplomar, pratiquei economia primeiramente em postos governamentais e mais tarde em companhias particulares. Depois comecei a me perguntar porque deveria continuar fazendo o que tantos outros faziam, e vi que não tinha porque seguir na minha profissão, especialmente quando tudo veio a mim com facilidade. Assim, abandonei uma carreira bem sucedida, e passei a dedicar meu tempo integral, minhas forças e meus talentos à investigação da Ciência do ser. Deste modo, podem ver que eu não sou particularmente um eleito, porém, elegi a mim mesmo, ou seja, optei em fazer algo fora do ordinário, algo fora do sistema de referência humano geralmente aceito.

Foi minha opção me apresentar e travar um conhecimento profundo com o sistema de referência divino. E isto é tudo. Qualquer membro desta audiência pode fazer o mesmo. Tudo o que necessita é coragem, perseverança e amor. Então também será eleito. Jesus disse: “Muitos são chamados, mas poucos são eleitos.” Quem são os eleitos? Os que optam por se separar do velho sistema de referência, e seguir o novo sistema de referência espiritual.

Os dois textos da Ciência do ser. Assim sendo, a autoridade pedagógica não se investe em uma pessoa. Ela se encontra em dois livros de inspiração divina, que se complementam mutuamente, formando a base da Ciência do ser, a saber, a Bíblia e o Livro Didático da Ciência Cristã: “Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras,” de Mary Baker Eddy. O sistema da Ciência do ser se revela nestes dois volumes.

Foi de propósito que até agora mencionei a Bíblia poucas vezes, pois falar da Bíblia requer muito cuidado. Há dez anos atrás ela estava fora de moda. Hoje caiu em voga outra vez, e talvez daqui a dez anos estará fora de moda novamente. Isto muda regularmente. Não obstante, a Bíblia perdurou mais do que qualquer outro livro. Mas não me interessa estudar a Bíblia por ela estar ou não em voga. Não me associo aos que rejeitam a Bíblia, nem aos que a aceitam, pois os dois grupos tem uma coisa em comum: ambos tomam a Bíblia literalmente. Alguns a rejeitam porque são céticos quando as histórias são interpretadas ao pé da letra, outros tentam provar que a Bíblia é histórica, e a aceitam sob este prisma. Mas o propósito da Bíblia é bem diferente, é algo de extraordinário! Sempre houve quem buscou as profundezas da realidade espiritual, e esta realidade suprema tinha que encontrar expressão em linguagem humana. As leis espirituais do ser que puderam ser discernidas, tiveram que ser traduzidas a uma linguagem simbólica, acessível ao entendimento humano; a Bíblia está escrita em tal linguagem. Ela deve então ser considerada como uma representação simbólica, e não deve ser tomada literalmente. O propósito principal da Bíblia não é contar histórias. Estas narrativas podem ou não ser historicamente corretas, mas este não é o ponto. Elas servem para ilustrar as grandes leis espirituais e torná-las inteligíveis. Por isto a Bíblia não é um livro de contos; ela revela as grandes leis que ainda estão em operação, e portanto é válida ainda hoje. O que está relatado sobre Noé ou Abraão, por exemplo, é a nossa própria história, quando compreendemos o significado espiritual subjacentes a estes relatos. O propósito da Bíblia não é narrar os feitos de certos personagens legendários, mas antes, expor leis espirituais do ser, eternamente válidas, e portanto válidas para a nossa vida de hoje. Assim as histórias de Noé e de Abraão são interessantes enquanto símbolos das leis que elas ilustram. Se estas narrativas simbólicas ocorreram ou não é uma questão secundária. Todos os personagens bíblicos devem ser considerados simbólicos; todos eles nos dizem algo sobre as leis de nossas próprias vidas. Por isso é incorreto considerar as narrativas bíblicas como a realidade em si, e tentar provar a sua veracidade histórica. Elas são usadas meramente como símbolos apontando para a realidade e para as leis espirituais da realidade.

Quem é Jesus? Para mim ele não é apenas aquele que fundou uma nova religião, mas antes e sobretudo, um cientista, um proto-cientista. Ele discerniu o Princípio do Ser, e pôde, então, demonstrá-lo. Os assim chamados milagres não são maravilhas no sentido de acontecimentos sobrenaturais, antes, Jesus entendeu as leis espirituais do ser, e as utilizou. Ele compreendeu as leis de uma ordem superior, que nós ainda não entendemos completamente, mas que podemos aprender a entender. Jesus é o proto-tipo do homem que vai aparecer, o protótipo do homem espiritualmente científico, em contraste ao homem (natural) científico de hoje. Numa época em que as pessoas eram incapazes de pensamento abstrato, Jesus tornou estas leis inteligíveis a todos através de símbolos familiares.

O outro livro no qual a Ciência do ser se baseia é o Livro Didático da Ciência Cristã. Este livro expõe o sistema de referência divino em linguagem adaptada aos dias de hoje. Ele não explica as leis espirituais do ser através de narrativas simbólicas como a Bíblia o faz, mas apresenta o sistema de referência divino em suas categorias inerentes, através de símbolos científicos; ele apresenta as leis e as regras, em suma, toda a estrutura do sistema de referência divino.

É nestes dois livros que a Ciência do ser se baseia. Ou seja, nós nos baseamos em dois livros e não em uma religião ou igreja organizada chamada “Ciência Cristã.” Eu também pertenci a esta igreja há 40 anos atrás, mas não por muito tempo. Eu era por demais um pensador independente, e me interessava mais na pesquisa da Ciência da Ciência Cristã do que geralmente é permitido por uma organização religiosa, e conseqüentemente, fui excomungado. Todo o meu interesse se concentrou no entendimento do Livro Didático da Ciência Cristã (no qual jamais é mencionada ou exigida alguma organização eclesiástica humana) como Ciência, e não simplesmente como religião.

Institutos para a Ciência do ser. Ensinamos a Ciência no ser na América, Europa, e Australásia de forma educativa (institutos, escolas, classes, livros e gravações). Não mantemos serviços religiosos porque nosso objetivo é instruir mais do que edificar. Em nossos cursos fornecemos aos estudantes um programa de estudos sistemático. Estes centros educativos não são organizações nem sociedades que requerem afiliação. São empresas educacionais voluntárias, mantidas pelo esforço conjunto de todos os interessados. A contribuição necessária consiste da sincera devoção que é dada ao assunto de maneira individual.

Tentei lhes dar no escopo de uma palestra o quadro geral daquilo que consiste a Ciência do ser, sobre o que ela se baseia, e como pode ser estudada. Qualquer que seja o tipo de reação que venham a ter: favorável, crítica ou adversa, agradeço a todos pelo interesse com que me escutaram até o fim.